

CONJUNTO UNIVERSITÁRIO CANDIDO MENDES  
CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS - CEAA

LITERATURA AFRICANA DE EXPRESSÃO PORTUGUESA

Prof. João Carneiro

Textos de Apoio VIII

LITERATURA SÁOTOMENSE

CEAA

1977

RECEIVED  
OFFICE OF THE  
SECRETARY OF THE  
NAVY  
WASHINGTON, D.C.

RECEIVED  
OFFICE OF THE  
SECRETARY OF THE  
NAVY  
WASHINGTON, D.C.

RECEIVED  
OFFICE OF THE  
SECRETARY OF THE  
NAVY  
WASHINGTON, D.C.

RECEIVED  
OFFICE OF THE  
SECRETARY OF THE  
NAVY  
WASHINGTON, D.C.

RECEIVED  
OFFICE OF THE  
SECRETARY OF THE  
NAVY  
WASHINGTON, D.C.

RECEIVED

RECEIVED

#### 4.ª PARTE

### SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

#### BERÇO DE NEGRITUDE

#### INTRODUÇÃO

Duas ilhas de baixa densidade populacional (cerca de 60 000 habitantes) prosseguiram até ao século xvi uma evolução conjunta com as ilhas de Cabo Verde. Descobertas em 1471 ou 1472, só em 1485 começaram a ser povoadas com gente do Congo, Benim, Gabão, Angola e colonos portugueses. No século xv e xvi as suas estruturas sociais definem-se sobretudo a partir da produção do açúcar e do comércio de escravos. O desenvolvimento do comércio do açúcar no Brasil e a pirataria, e as acções dos *angolares*, durante dois séculos, acabariam por esmagar a economia de São Tomé e, consequentemente, travar o desencadeamento aculturativo e assim a corrente da mestiçagem.

No início do século xix, porém, com a exploração do café e depois do cacau, São Tomé entra numa nova fase do seu desenvolvimento. Mas o regime predominante da monocultura, com a organização do espaço na base de avultados domínios agrários não é de molde a retomar o caminho de uma larga miscigenação. E assim «vicissitudes históricas e económicas imprimiram na segunda metade do século xix rumos diferentes aos destinos dos homens» (Francisco José Tenreiro — *A ilha de São Tomé*, Lisboa, 1961). O que significa que os pro-

prietários mestiços ou negros vão sucumbir perante a infiltração dos poderosos grupos financeiros portugueses, tornando-se maiores as barreiras da miscigenação. E nessa altura já que o homem cabo-verdiano, transitando num espaço organizado com base na policultura, se apropriou do seu próprio espaço social.

Talvez que isto possa ajudar a explicar, em grande parte, o facto de o primeiro poeta da África portuguesa a trazer, em cheio, o problema da cor para a transposição poética seja natural da ilha de São Tomé: Caetano da Costa Alegre (1864). «Tu tens horror de mim, bem sei, Aurora, / Tu és o dia, eu sou a noite espessa, / Onde eu acabo é que o teu ser começa». A dicotomia da barreira da cor está aqui posta com toda a evidência e com toda a amargura numa irreversível crueldade: «Es a luz, eu a sombra pavorosa, / Eu sou a tua antítese frisante», embora o poeta busque a subjectiva compensação lembrando que «Do carvão sai o brilho do diamante». Atitude passiva, queixume brando e fundo, tão longe daquela que haveria de ser a dos poetas da negritude do século xx. Mas a devida compreensão da importância da atitude de Costa Alegre não é possível se não avaliarmos a sua poesia a partir de uma perspectiva sincrónica.

Não deixa de ser interessante verificar que é um poeta mestiço, também natural de São Tomé, Francisco José Tenreiro, que, em 1942, se torna o primeiro poeta verdadeiramente africano de expressão portuguesa. É aquele que, por isso mesmo, haveria de alcançar, no termo da década de 40, uma certa influência junto dos jovens poetas africanos que circulavam no seio da Casa dos Estudantes do Império, influência que se teria estendido mesmo até aos poetas angolanos residentes em Luanda. Todavia há que colocar aqui uma observação que, não pondo em causa a importância histórica que, por direito, vem sendo atribuída a Francisco José Tenreiro, ela esclarecerá melhor o percurso poético de São Tomé e Príncipe. Referimo-nos a Marcelo Veiga. Desconhecemos a data em que foram escritos os poemas que extraímos da antologia *Poetas de S. Tomé e Príncipe* (1963), a primeira e a única até agora conhecida, organizada e prefaciada por Alfredo Margarido que, por essa época, e como já para trás foi assinalado, desempenhou papel importante no seio da Casa dos Estudantes do Império, concretamente materializado, entre o mais, na organização de outras antologias e, inclusive, na revista *Mensagem*, órgão daquela casa. Mas já durante a revisão deste texto obtivemos poemas inéditos dos quais juntamos dois e um fragmento doutro. O poema «África é nossa» é datado de 1935, e o fragmento de «O batuque» é de 1920-21. É de admitir a hipótese de os outros poemas incluídos, alguns deles terem sido escritos naquele período. Mas seja assim ou não, estamos agora de posse de elementos que nos autorizam a considerar Marcelo Veiga como o longínquo pioneiro de autêntica poesia africana de expressão portuguesa; podíamos mesmo adiantar da *negritude*. Há assim agora que operar um longo recuo de quase



vinte anos para situarmos a primeira voz que se ergue, em termos de negritude, contra a dominação colonialista. E essa voz é a de Marcelo Veiga, que através do seu poema «O batuque» (1920-21) a sua «alma repleta de agonia» voa afilada p'ra o «seu distante lar». Vejamos: «E ao fechar da noite é só cinza e pedra/ A tribo inimiga. Eis então ruge/ O batuque e, em delírio e febre estruge/ Como a água em negro e torvo sorvedouro,/ A aclamação ao chefe vencedor./ Ai noites da minha terra,/ Ebrías de encanto e de perfume que erra!» Que «tribo inimiga»? que «chefe vencedor»? A conotação anticolonialista do poema é transparente, pensamos. Mas se na poesia anterior há que descodificá-la para uma interpretação real da sua mensagem, o mesmo não acontece em «África nossa», escrito em 1935: «Esta África é nossa! é nossa! é nossa!/ Têmo-la em nós esp'rança, sonho, ânsia,/ A chamar como um clarim à distância;/ A murmurar-nos em voz meiga e sã./ — Filhos! a pé! a pé! que é já manhã!»

O estudo da génese da poesia africana de São Tomé está por fazer. Uma população reduzida, um índice de escolaridade mais do que modesto, um acesso difícil ao ensino secundário para já não referiremos o universitário, este e aquele inexistentes no Arquipélago. Praticamente sem imprensa, sem uma revista literária ou cultural, sem fontes de informação, sem fontes culturais, sem ambiente propício ao desabrochar de vocações literárias, esta reduzida meia dúzia de poetas sã-tomenses termina por ser um milagre cultural. E como apesar de tudo, foi possível?

Surgiu praticamente em Lisboa. Podemos dizer que todos os poetas, incluindo Costa Alegre, vieram estudar para Lisboa. O mesmo se deu com Herculano Pimentel Levy (1888), autor de alguns poemas dispersos por jornais e revistas literárias. E só nesta cidade, ao contacto com a vida cultural e literária do país, seria possível a revelação de algumas vocações. Foi aqui que eles fizeram a sua reconversão intelectual, logrando uma identificação com os seus problemas de entes africanos e da necessidade de os exprimir poeticamente.

E surgiu sob o signo da violência verbal. Violência que alguma coisa debita à rebeldia, mas é sobretudo a luminosa consciência da injustiça gravada no coração dos humilhados. «Sou preto. Escravo/ Vivi;/ Na humilhação e agravo/ Cresci...» mas tal como Deus teria dito a Lázaro, Marcelo Veiga diria a si próprio e a todos os seus irmãos de raça: «Chegou a hora do teu reino». Raça que ali em São Tomé e Príncipe é o somatório de muitas raças trazidas do continente africano, de uma e de outra costa, mas em especial da costa ocidental (os *angolares* de hoje são oriundos de velhos marinheiros de Angola; os *angolares*, os modernos contratados) e ainda cabo-verdianos, que as secas do Arquipélago para ali desterram, a engrossar a legião de «serviçais» das plantações do café,

de tudo resultando uma «(...) miscelânea curiosa/ de gentes das áfricas mais díspares,/ da África dos nossos sonhos» (Alda do Espírito Santo). O peso da África real (ou mitificada?) perpassa obsessivamente por toda esta poesia, ao contrário da do arquipélago de Cabo Verde, como para trás se deixou dito. Não significa isto que a poesia de São Tomé se alheie do tema da mestiçagem e se não deixe impregnar, consciente ou inconscientemente dos efeitos da aculturação. Os apelos à África Negra circulam de mistura com a revelação da mestiçagem étnica e cultural bebida nas fontes da tradição oral, imanente substracto vivo e amoroso onde a tragédia secular se funde na luta e na esperança. «Quando amo a branca/ sou branco.../ Quando amo a negra/ sou negro», e nesta confissão Francisco José Tenreiro define aquilo que viria mais tarde a chamar-se a bivalência cultural do mestiço, o «homem de dois-mundos». Mas o acento tónico desta poesia é a do habitante da «ilha mestiça», em ruptura, reencontrando-se nas origens da Mãe-África. Daí aquilo que poderia parecer perplexidade se elege numa firme acusação: «Agora/ Agora que me estampaste no rosto/ os primores da tua civilização,/ eu te pergunto, Europa,/ eu te pergunto: AGORA?» (Tomaz Medeiros). Agora, neste momento histórico, em que «A noite sangra/ no mato/ ferida por uma aguda lança/ de cólera» (Maria Manuela Margarido).

*Nota:* Os poemas inéditos, bem como alguns elementos biográficos de Marcelo Veiga devem-se à dedicação da Dr.ª Fernanda Maria R. Almeida Ferreira da Cunha, presentemente professora no Liceu Técnico de S. Tomé.

## COSTA ALEGRE, PRECURSOR

Caetano da Costa Alegre que veio para Lisboa continuar os seus estudos, terminando por se matricular na Escola Médica, em 1887, com o propósito de ser médico naval, morria com vinte e seis anos de idade. Só em 1916, um seu amigo e discípulo, o jornalista Cruz Magalhães, lhe publicava a sua poesia em volume intitulado *Versos*, testemunho da incomodidade do homem negro transplantado para o meio europeu.

Na verdade a sua condição de negro adquire na sua poesia a dolorosa angústia de quem tem a cor como um estigma. «Uma das desditas que mais o alanceava era ser negro. Ouvi-lhe mesmo algumas poesias em que esse desgosto ressaltava duma maneira tão viva que confrangia». (Cruz Magalhães — in introdução a *Versos*). O facto é por demais evidente não só no obsessivo e inconsciente ponto-e-contraponto *cor negra-cor branca*, como em confissões directas e humilhantes: «Todo eu sou um defeito,/ Sucumbo sem esperanças/ E o meu olhar atesta/ Que é triste o meu sonhar».

É certo que, em momentos de objectividade, intenta a reabilitação da cor negra na atitude orgulhosa de a situar ao mesmo nível da cor branca: «A! pálida mulher, se tu és bela,/ Eu não sou menos belo em minha essência,/ E se amas entre as nuvens uma estrela,/ Ama o belo também nesta aparência!»; ou deste jeito: «Mas, olha, a noite é negra e tem milhões de estrelas,/ O dia é belo e branco e tem apenas uma». Como, aliás, já o haviam feito alguns poetas angolanos do século XIX (veja-se, neste volume, o capítulo «Origens», relativamente a Angola). O tom dominante, porém, do livro é o «pranto do sofrimento» de quem tinha pelo europeu um sentimento aristocratizante e tomava a sua natureza de negro como uma injustiça mais dos deuses do que dos homens, incapaz por isso de uma tomada de consciência agressiva e reabilitadora.

Por isto mesmo, teremos de considerar Caetano da Costa Alegre como um caso singular no percurso poético africano de língua portuguesa: não o primeiro poeta negro de língua portuguesa a erguer a cor da pele como significante de poesia, dado que os seus primeiros poemas são datados da penúltima década, do século XIX, enquanto, por exemplo, no angolano J. Cândido Furtado encontramos poemas subscritos vinte anos antes. Mas aquele que, dentre todos, fez desse tópico a razão de ser da sua obra, transformando-a num impressionante documento de alienação racial, é indubitavelmente Caetano da Costa Alegre. Estamos no último quartel do século XIX. Seriam precisos mais algumas décadas para que os poetas africanos de expressão portuguesa tomassem consciência da injustiça do preconceito da cor e exprimissem, violentamente, a desafronta — e o que era fundamento de humilhação se transformasse em substância orgulhosa

de revolta: «Chegou a hora do teu reino!», como diria Marcelo Veiga. Com efeito, longo caminho vai desde os poetas do século XIX até à luminosa anunciação da negritude. Longo caminho percorrido foi o desde a envergonhada lamentação de Caetano da Costa Alegre («todo eu sou um defeito»), passando pela glorificação de José Tenreiro até à ufania racial de um Caraveirinha: «Oh! Meus belos e curtos cabelos crespos» (...) «Oh! e meus dentes brancos de marfim/ puros brilhando na minha negra reincarnada face altiva».



Caetano da Costa Alegre (São Tomé, 26.4. 1861 — Alcobaca, 13.4.1909). Negro. Filho de uma família da burguesia de cor *sá-bomense*, em 1887, com a idade de dezasseis anos, veio para Lisboa prosseguir os seus estudos. Depois de concluir as cadeiras preparatórias matriculou-se na Escola Médica com o fim de ingressar na carreira naval. Morreu cedo, vítima de tuberculose pulmonar. Cruz de Magalhães, jornalista, e um dos seus contemporâneos e amigos, fez uma edição póstuma das suas poesias: *Versos*. Um dos primeiros, se não o primeiro poeta africano de expressão portuguesa a colocar, dolorosamente, a sua condição de africano. Figura em: *Antologia da poesia negra de expressão portuguesa*, Paris, 1958; *Estrada larga*, Porto, 2/3 (1962); *Amostra de poesia ultramarina in Estudos Ultramarinos*, n.º 3, Lisboa, 1959; *Poetas e contistas africanos*, São Paulo, 1963; *Literatura africana de expressão portuguesa*, vol. 1, poesia, Argel, 1967; *La poésie africaine d'expression française*, Paris, 1968.

Obra póstuma: *Versos*, 1916.

FRANCISCO JOSÉ TENREIRO, POETA BIVALENTE

Poderá parecer estranho que um poeta de São Tomé, onde os ecos da vida cultural europeia são mais do que remotos, em 1940 se pudesse ter erguido à condição de ponta de lança da negritude. Simplesmente Francisco José Tenreiro veio muito cedo para Portugal fazer os seus estudos e, em Lisboa, pôde viver de perto com os intelectuais da época, partilhando da arrancada do movimento neo-realista português, concretamente integrado no Novo Cancioneiro, com *Ilha de nome santo*, 1942. E se o neo-realismo português se preocupava com a denúncia dos aspectos humilhantes do povo, Tenreiro, muito atento ao que se passava nos Estados Unidos da América do Norte (ele próprio autor de um *Panorama da literatura norte-americana*), e a par da actividade literária do grupo africano de Paris, chefiado por Senghor, Aimé Césaire e outros, clamando pela valorização do homem negro —, soube nesse momento assumir as responsabilidades de um ideário estético e político que o volveram deliberadamente para a sua «ilha» e para a sua «África». Mais tarde como que na aceitação de compromissos políticos que o arrastaram para caminhos opostos ou desencontrados que lhe diminuíram a vida, não chegou, porém, e na aparência paradoxalmente, a renegar como poeta, e em parte como ensaísta socioliterário, as exigências estéticas da negritude. Mestiço pela cor e pela cultura, a sua poesia é o reflexo consciente ou não dessa biopolaridade. «Nasci do negro e do branco/ e quem olhar para mim/ é como se olhasse para um tabuleiro de xadrez». No entanto, nos «Caminhos trilhados da Europa», mas «de coração em África», mergulha no mais profundo das suas raízes e a voz da África sobe à flor da pele: «Mãos, mãos pretas como em vós estou chorando!» Chorando mas «na esperança de que para o ano vem a monção torrencial que alagará os campos ressequidos pela amargura da metralha».

Francisco José Tenreiro (Francisco José de Vasques Tenreiro, São Tomé, 20.1.1921 — Lisboa, 31.12.1936). Mestiço. Desde muito novo em Lisboa, aqui fez todos os seus estudos. Diplomado pela Antiga Escola Superior Colonial, colaborador do Centro dos Estudos Geográficos, estudos e investigações na Escola de Ciências Económicas e Políticas, de Londres, Assistente de Geografia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Depois, assumindo novos compromissos políticos, aceita tornar-se deputado por



... E NOCLEO DOS QUE VIERAM DEPOIS

Maria Manuela Margarido, Alda do Espírito Santo, Tomaz Medeiros, Marcelo Veiga<sup>(1)</sup>. E foi também em Lisboa que todos estes puderam revelar-se poetas da sua terra. Maria Manuela Margarido estreando-se com um livro de poemas que pouco teria a ver com as raízes culturais ou as estruturas sociais de São Tomé e Príncipe, só posteriormente, ao convívio com os africanos da Casa dos Estudantes do Império, se descobre poetisa de raiz sã-tomense (*Poetas de S. Tomé e Príncipe*, 1963). Os demais são autores sem livro publicado.

Não deixa de ser oportuno acentuar que estes poetas, revelados depois de 60, através da antologia da Casa dos Estudantes do Império, formam um significativo naipe jogando em bloco na expressão dos desencontros socio-económicos e, implicitamente, políticos da sua terra, constituindo-se assim num grupo verdadeiramente coeso no que há de profundo na sua mensagem, que, ao cabo e ao resto, aponta para a libertação. «Queremos unir as nossas mãos milenárias/ das docas dos guindastes/ das roças, das praias/ numa liga grande, comprida,/ dum pólo a outro da terra/ p'los sonhos dos nossos filhos/ para nos situarmos todos do mesmo lado da canoa» (Alda do Espírito Santo). O apelo à libertação nem sequer é posto eufemisticamente. Veja-se Maria Manuela Margarido: «Na beira do mar, nas águas,/ estão acesas a esperança/ o movimento/ a revolta»; ou Tomaz Medeiros, tendo Nicolás Guillén (tantas vezes invocado pelos poetas africanos de expressão portuguesa) como interlocutor: «Tu não conheces a ilha mestiça,/ dos filhos sem pais/ que as negras da ilha passavam na rua?» (...) «Oh! vem ver a minha ilha,/ vem ver cá de cima, da nossa Sierra Maestra». A revolta de seres colozinados se junta a consciência ou o ímpeto revolucionário. E Marcelo Veiga é um exemplo: «Sou preto. Escravo/ Vivi;/ Na humilhação e agravo/ Cresci...» «Já tens de mais do sofrimento o treino/ Eu te abençoo e mando — vai!/ Chegou a hora do teu reino!»

(1) Apesar do que observámos em páginas anteriores, relativamente a Marcelo Veiga, mantemos o seu nome neste lugar, considerando cronologicamente o seu aparecimento público como poeta que, cremos, o foi com a antologia *Poetas de S. Tomé e Príncipe*, 1963.